

A criança psicótica e o laço social na clínica de Lacan¹

Pablo Peusner
Tradução de Maria Claudia Formigoni

Resumo

Parto de uma tese central de Lacan, atualizada em 2015 por Soler nos seguintes termos: “a forclusão mais radical, genérica, causada pela linguagem é a da proporção [*rappor*t] sexual”. Propus fazer dessa tese uma ferramenta clínica, um orientador para nosso fazer de analistas que não retrocedemos ante as crianças. Trata-se de um uso novo para o termo “forclusão” que estávamos acostumados a encontrar no ensino lacaniano, sempre ligado à lógica da psicose, seja na operação da “forclusão do significante do Nome-do-Pai” — descrita por Lacan nos anos 1950 — seja, mais tardiamente, nos anos 1970, em seu seminário sobre Joyce, sob a forma da “forclusão de fato”. Mas, nesse caso, Soler propõe a forclusão como uma operação *radical* e *genérica*, isto é, uma operação fundamental, que afeta o gênero humano. E qual é a causa dessa forclusão radical e genérica? A linguagem. Essa linguagem, que Lacan considerou condição do inconsciente, *foraclusi* a proporção sexual.

Palavras-chave:

Linguagem; Criança; Psicose; Foraclusão; Proporção sexual.

The psychotic child and the social bond at the Lacan clinic

Abstract

I depart from a central thesis of Lacan, updated in 2015 by Soler in the following terms: “the most radical, generic foreclosure caused by language is that of sex ratio [*rappor*t]”. I proposed to make this thesis a clinical tool, a guide for our work as analysts who do not retreat in the face of children. This is a new use of the term “foreclosure” that we usually find in Lacanian teaching always linked to the logic of psychosis, whether in the operation of “foreclosure of the signifier Name-of-

1 Trabalho apresentado no Núcleo de Pesquisa Psicanálise e Sociedade do Programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e no Núcleo de Psicanálise, Práticas Clínicas e Saúde da Faculdade de Ciências Humanas e de Saúde da PUC-SP. São Paulo, Brasil, 28 de setembro de 2018.

-the-Father” — described by Lacan in the years 1950 — or, later, in the 1970s, in his seminar on Joyce, in the form of “de facto foreclosure”. But, in this case, Soler proposes foreclosure as a radical and generic operation, that is, a fundamental operation, that affects the human race. And what is the cause of this radical and generic foreclosure? The language. This language, which Lacan considered a condition of the unconscious, excludes the sex ratio.

Keywords:

Language; Child; Psychosis; Foreclosure; Sex ratio.

El niño psicótico y el lazo social en la clínica de Lacan

Resumen

Parto de una tesis central de Lacan, actualizada en 2015 por Soler en los siguientes términos: “la forclusión genérica más radical provocada por el lenguaje es la de la proporción sexual”. Propuse hacer de esta tesis una herramienta clínica, una guía para nuestro trabajo como analistas que no retrocedemos ante los niños. Se trata de un nuevo uso del término “forclusión” que estábamos acostumbrados a encontrar en la enseñanza lacaniana, siempre ligado a la lógica de la psicosis, ya sea en la operación de “forclusión del significante del Nombre-del-Padre” — descrito por Lacan en los años 1950 — o más tarde, en los años 1970, en su seminario sobre Joyce — en forma de “forclusión de facto”. Pero, en este caso, Soler propone la forclusión como una operación radical y genérica, es decir, una operación fundamental, que afecta al género humano. ¿Y cuál es la causa de esta forclusión radical y genérica? El lenguaje. Este lenguaje, que Lacan consideraba una condición del inconsciente, forcluye la proporción sexual.

Palabras clave:

Lengua; Niño; Psicosis; Forclusión; La proporción sexual.

L'enfant psychotique et le lien social à la clinique de Lacan

Résumé

Je pars d'une thèse centrale de Lacan, mise à jour en 2015 par Soler dans les termes suivants : « la forclusion générique la plus radicale provoquée par le langage est celle de la rapport sexuelle ». J'ai proposé de faire de cette thèse un outil clinique, un guide pour notre travail d'analystes qui ne reculent pas devant les enfants. Il s'agit d'un nouvel usage

du terme « forclusion » que l'on avait l'habitude de retrouver dans l'enseignement lacanien, toujours lié à la logique de la psychose, que ce soit dans l'opération de « forclusion du signifiant du Nom-du-Père » — décrite par Lacan dans les années 50 — ou plus tard, dans les années 1970, dans son séminaire sur Joyce, sous la forme d'une « forclusion de fait ». Mais, dans ce cas, Soler propose la forclusion comme une opération radicale et générique, c'est-à-dire une opération fondamentale, qui affecte le genre humain. Et quelle est la cause de cette forclusion radicale et générique ? Le langage. Ce langage, que Lacan considérait comme une condition de l'inconscient, forçlôt le rapport sexuelle.

Mots-clés :

Langage ; Enfant ; Psychose ; Forclusion; Rapport sexuelle.

Gostaria de começar dizendo que quem deu o título de minha intervenção foi Raul Pacheco. Aceitei-o tal qual ele me propôs, apesar de me impor um desafio. Eu me perguntava: por acaso, Lacan trabalhou pontualmente o tema em questão? Creio que todos nós concordamos que não foi assim, apesar de o assunto soar muito lacaniano. Pois bem, Lacan situou o sujeito psicótico fora do discurso e, portanto, fora do laço social. Mas, e então, o que acontece com a criança?

Raul é um amigo e, portanto, não consigo pensar que sua proposta tenha sido uma armadilha. Pelo contrário, esse título me obrigou a refletir, e o resultado de minhas reflexões é o que vou apresentar a vocês a seguir. Peço que não considerem meu texto uma conferência, e sim um conjunto de ideias desordenadas que visam situar problemas eminentemente clínicos — porque, quando trabalhamos no consultório 12 horas por dia, cinco dias por semana, atendendo crianças, o único que importa é encontrar ferramentas e novas ideias que contribuam com a solução de problemas que a práxis nos impõe.

A forclusão da proporção sexual

Parto de uma tese central de Lacan, atualizada em 2015 por Colette Soler nos seguintes termos: “a forclusão mais radical, genérica, causada pela linguagem é a da proporção [*rapport*] sexual”. Propus fazer dessa tese uma ferramenta clínica, um orientador para nosso fazer de analistas que não retrocedemos ante as crianças.

Trata-se de um uso novo para o termo “forclusão”. Estávamos acostumados a encontrar, no ensino lacaniano, esse termo — “forclusão” — sempre ligado à lógica da psicose, seja na operação da “forclusão do significante do Nome-do-Pai”² — descrita por Lacan (1955-1956/1985) nos anos 1950 — seja, mais tardiamente,

2 A tese da forclusão do Nome-do-Pai é trabalhada entre o seminário *As psicoses* (1955-1956/1985) e o escrito “De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose” (1957-1958/1998).

nos anos 1970, em seu seminário sobre Joyce (1975-1976/2007), sob a forma da “foraclusão de fato”. Mas, nesse caso, Colette Soler propõe a foraclusão como uma operação *radical e genérica*, isto é, uma operação fundamental, completa e extrema (introduzida sob a lógica do *tudo ou nada*) que afeta o humano.

E qual é a causa dessa foraclusão radical e genérica? A linguagem. Essa linguagem, que Lacan considerou condição do inconsciente, *foraclusi* a proporção sexual.

Aqui surge uma característica própria ao humano, esse que Lacan, em 1973, nomeou *falasser*. Cito “Televisão” (Lacan, 1974/2003, p. 510): “Só há inconsciente no ser falante. Nos outros, que só têm por serem nomeados, embora se imponham a partir do real, existe instinto, ou seja, o saber que sua sobrevivência implica.”

O interessante nessa citação é o modo como Lacan estabelece um divisor de águas: se, de um lado, junto à linguagem, está o inconsciente, de outro conta-se com o instinto. Pergunto se, por acaso, esse saber, saber do instinto, saber animal, padece da desproporção. É relativamente simples responder que não, e que funciona com total proporção na natureza.

Para compreender essa ideia, deveríamos realizar o esforço de pensar a vida animal absolutamente fora do reino da linguagem, no estado mais puro da natureza, sem presença humana, sem significante. E, dado que o instinto não se transmite pela via da linguagem, e sim pela via genética, não fica sujeito aos equívocos próprios de sua estrutura. Funciona como um manual de sobrevivência na natureza e, fundamentalmente, como um manual de criação. Voltarei a esse assunto um pouco mais adiante, mas nos encontramos aqui com uma primeira hipótese: *o instinto é um nome da proporção sexual, um conhecimento logrado, fechado e natural*.

O instinto é um conhecimento herdado geneticamente, completo e fechado, que não pode ser convertido em um saber porque não passa através do significante — lembremos que isso só é possível para as espécies que não falam, que não tiveram nenhum contato com o significante. Em contrapartida, a pulsão é um saber que tem como um de seus componentes a demanda significante, motivo pelo qual não retém nenhum conhecimento conquistado, não pode se fechar nem se transmitir sem equívoco.

Sem entrar em grandes detalhes sobre um tema que nos desviaria de nosso objetivo, digamos que os animais em estado de natureza cumprem o programa genético,³ o qual os obriga a se reproduzirem e intercambiarem energia com o meio de forma proporcional. O instinto, justamente, garante essa dita proporção e torna errôneo o uso de certas frases da língua como, por exemplo, *comer como um animal* — para transmitir a ideia de um excesso alimentar. Nada mais distante da natureza: nós, os falasseres, não conseguimos fazer nada como os animais, pois a proporção está foraclusida.

3 Jacob (1970/1999) e meu comentário a respeito em Peusner (2016, pp. 97 e ss.).

O efeito da linguagem também se verifica “sobre o corpo-substância-gozante” (Soler, 2014, p. 16). O corpo biológico, natural, é afetado pela linguagem tanto em suas funções quanto em seus ritmos, tempos e quantidades. Assim, enquanto o instinto determina ciclos, a pulsão é uma força constante (Freud a chamava *Drang*; traduzida, normalmente, por esforço) e, diante de sua demanda, o sujeito não consegue se deter. As funções biológicas básicas, tais como se alimentar, descansar e se reproduzir, são tão afetadas no falasser que a desproporção com que são exercidas chega à patologia, em alguns casos. Comemos demais ou de menos e surgem os transtornos alimentares... Dormimos pouco e trabalhamos muito, às vezes em demasia, e há uma série de fenômenos associados à nossa falta de repouso — que sejam nomeados em inglês chama a atenção: *burnout*, *stress* etc. Sabemos da existência de um catálogo infinito de complexos modos e práticas da sexualidade humana, por excesso ou por falta ou, ainda, para reduzi-la à reprodução na época do cio. Freud pôde ler esse fenômeno e utilizá-lo para realizar sua manobra de extensão da noção de sexualidade.

Pois bem: não é que o *falasser* não tenha, em seu DNA, um código genético responsável pela programação do funcionamento biológico; mas, por *falasser*, o humano é a única espécie viva que não cumpre as instruções desse programa. Digamos assim: a desproporção com que o *falasser* realiza as funções biológicas as deixa *fora de programa*. Esse programa é garantia da proporção. Porém, a proporção somente pode existir fora do mundo da linguagem. Apenas se entra nele, a linguagem a foraclui.

Um exemplo simples é o bichinho que muitos de vocês têm em casa. Lacan afirmou que esses bichos são “os animais que carecem de homem, por isso dito *d’homésticos*” (Lacan, 1974/2003, p. 510). É um neologismo pouco conhecido, mas que também se compreende bem em português: trata-se de condensar o doméstico com o homem, através de *lalíngua*. Falamos com esses animais, o submergimos em um mundo estruturado pelo significante, e eles respondem desproporcionalmente: param de comer ou comem até explodir, negam se reproduzir quando oferecemos um *partenaire* e, algumas vezes, preferem para suas práticas sexuais uma almofada ou a perna de alguma visita... Isso sem considerar a piada habitual que diz que esses animais se parecem a seus donos e que, inclusive, reproduzem sua estrutura clínica (considerem essa última frase uma brincadeira).

Resumindo: a oposição pulsão-instinto retoma o binário desproporção sexual-proporção sexual, produzida pela imersão do sujeito humano na linguagem.

O primeiro laço social é desproporcional

O conhecimento que denominamos instinto funciona como um manual de criação na natureza. Os animais estão perfeitamente informados sobre como e em que momento resolver tal ou qual situação típica da criação (interrupção da

lactância, abandonar seus filhotes, mudá-los de lugar etc.). Não imaginamos um animal selvagem em crise com a dúvida do que fazer com suas crias, do quanto alimentá-las ou de como lidar com alguma manifestação particular delas.

Entretanto, a imersão na linguagem rompe com esse conhecimento. Na cultura não há manual de criação, faz o que se pode e, sempre, em todos os casos, o que se pode fazer é desproporcional: se faz demais ou de menos, o que se faz é mais ou menos operativo, mais ou menos grave, mais ou menos preciso, mais ou menos saudável e, inclusive, mais ou menos patológico... Essa falta de um manual é causa do mal-estar na cultura. Cedo ou tarde, aqueles que alguma vez foram crianças criadas mediante práticas desproporcionais irão a um analista para testemunhar tais excessos ou faltas...

Esse ponto de partida é muitas vezes recusado nos tempos de capitalismo, em que sempre há alguém que diz ter o manual para que determinada tarefa seja efetiva, e pretende vendê-lo bem caro. Contudo, sabemos que esses gurus jogam com uma necessidade quase estrutural daqueles que exercem uma função impossível e estão dispostos a ser “educados” no âmbito de um discurso que promove o todo-saber como agente — refiro-me ao discurso universitário. Isso continuará existindo. O problema é quando esses lugares são ocupados por supostos psicanalistas.

Minha tese é que o primeiro laço social da criança é sua criação, e que esse laço está sujeito à desproporção: cria-se uma criança com o desejo e com o gozo, nunca com um manual. Todo esse laço se desenvolve mediante operações levadas adiante de modo excessivo ou faltoso — por isso, cedo ou tarde, quando essa criança cresça, se queixará dos modos de desproporção familiar aos quais foi submetida. Pascal Quignard os denomina “mais humilhantes dependências”.

Pois bem, esse processo de criação é solidário a um processo de transmissão. Lacan afirma que, mais além de sua forma (e isso deu início a um processo de mudança que continua hoje em dia), a família não consegue não transmitir, já que a transmissão é irredutível. Mas, como uma criança é criada com o desejo e com o gozo, essa transmissão pode ser animada por um desejo anônimo ou não: ou seja, um desejo que inscreva ou não uma diferença. E, para isso, é preciso o significante.

Gostaria, agora, de lhes oferecer uma breve mostra dessa tarefa a partir da experiência com um jovem analisante de 8 anos, que cursava o segundo ano do Ensino Fundamental em uma escola comum, particular, na cidade de Buenos Aires.

Inácio chegou a meu consultório, encaminhado pela escola, com uma profunda desorganização simbólica e um importante atraso na aquisição das funções cognitivas próprias a seu nível escolar. Além disso, sua atitude durante as aulas era impossível de ser controlada: passava o tempo todo brincando de *Starwars* (nomeava assim essa atividade, com uma só palavra), brincadeira que o comprometia inclusive fisicamente, chegando a estados de excitação psicomotora e de agressão. Inácio falava bem, mas sua linguagem não estava a serviço de fazer laço com o outro, e, sim, de narrar uma história um pouco confusa, infinita, relacionada à saga em questão: não respondia às

perguntas e não narrava fatos da vida cotidiana. Contava apenas essa história, da qual pude pescar um episódio em que dois personagens muito diferentes, aos quais ele denominava genericamente *Starwars*, faziam uma viagem espacial em busca de seu pai.

O menino era o primeiro filho de um casal de quase 40 anos e, precocemente, teve um pneumotórax, do qual, de acordo com os pais, os médicos disseram que morreria. Curiosamente, eles aceitaram esse destino e começaram a se preparar para o inevitável. Foi quando o avô materno entrou em cena e recusou o veredito, incitando os pais a se rebelarem contra a ordem médica e estimularem esse pequeno corpo já condenado. Finalmente, Inácio sobreviveu.

Tempos depois, uma ex-namorada do pai do menino apareceu para apresentar um filho que tiveram e do qual ele nada sabia. É um menino que tem praticamente a mesma idade de Inácio. O relato desse episódio é confuso e apresentado de modo bastante inocente (*naïf*) pela mãe, a qual destaca sua posição de aceitação e reconhecimento.

Quando percebi que o assunto familiar de Inácio não estava dividido, propus uma dupla abordagem: um espaço de análise para o menino (com forte presença de seus pais) e um dispositivo de integração escolar, para o qual me encarreguei de encontrar uma acompanhante terapêutica com formação psicanalítica. Ambos decidimos pôr a trabalhar aquilo que denominei um *Édipo galáctico*: utilizaríamos o interesse dele pela saga de *Star wars* para favorecer a abertura da cadeia significante, ao invés de reprimi-lo.

Como o menino nomeava genericamente de *Starwars* todos os personagens, a primeira diferença que pusemos a trabalhar foi a dos nomes dos mais conhecidos da saga. Aos poucos, sua acompanhante terapêutica construiu um alfabeto em que cada letra coincidia com a primeira letra do nome de algum dos personagens. Paralelamente, em seu espaço de análise, a busca se enriquecia, porque agora tínhamos os nomes dos personagens, o que nos permitiu construir uma primitiva árvore genealógica que, obviamente, não coincidia com a da saga original, mas era “nossa”. Como não havia personagens para todas as letras, logo recorremos aos nomes dos planetas, das naves, das armas e de qualquer outro componente da saga que servisse a nosso propósito.

Inácio passou a ficar mais tranquilo em aula e a poder diferenciar melhor os momentos de brincadeira dos momentos de fazer as tarefas, adaptadas a suas possibilidades, que lhe eram dadas pela acompanhante terapêutica. Nesse ponto, o importante foi que ele pôde realizá-las com bastante efetividade. Se ficava excitado, saíam da sala de aula, iam a “outro planeta” mais tranquilo e logo voltavam...

Um dia, chegou ao consultório e me disse:

— Fui ver o filme de Han Solo. Han Solo é o amigo de Chewbacca.

Respondi:

— Ah, mas se é o amigo de Chewbacca não está Solo.⁴

⁴ Solo, sobrenome do personagem Hans, significa sozinho em espanhol. O analista joga com o duplo sentido da palavra.

Ele riu e me explicou que não estava sozinho, mas que o personagem se chamava assim.

Em seguida, me contou sobre o filme... Era a primeira vez que “falávamos”. De fato, era a primeira vez que me contava um episódio tão banal de sua vida pessoal: ter ido ao cinema.

Depois de quatro meses de trabalho, alguns colegas de classe começaram a brincar com Inácio no recreio, com os Legos de *Star wars*. Na avaliação de espanhol, fez um ditado: teve que escrever alguns dos nomes dos personagens e dos planetas. Foi aprovado.

Star wars é uma saga que foi surgindo de modo bastante desordenado. Aqueles que assistiram à sua estreia em 1977, fizeram um grande esforço para compreender sua cronologia. Sintetizando, podemos afirmar que cada uma de suas três trilogias é uma busca do Pai: o de Luke, o de Anakin e, agora, o de Rey... Como poderia saber disso um menino de 8 anos com profunda instabilidade simbólica?

Com Lacan, é fácil compreender que a família não pode não transmitir, inclusive independente de sua configuração — e sabemos que, hoje em dia, são diversas. A família não pode não transmitir, mas o desejo que veicula essa transmissão pode ou não ser anônimo, pode ou não inscrever uma diferença. E, para inscrever uma diferença, faz-se necessário o significante.

Na escola, o trabalho de adaptação curricular centrou-se nas matérias de língua e matemática. Inácio conta em “episódios”, mas ainda há falhas na função da conta. Sua acompanhante terapêutica imprimiu cartazes dos episódios 1 a 8 para dar algum apoio imaginário à operação, mas há problemas para contar os dois *spin-offs* que o menino se empenha em incluir. Obviamente, isso poderia ser remetido à falha na função da conta que se produz ao dizer quantos irmãos tem, e esse “irmão *spin-off*” que surgiu meio inesperadamente...

Na análise, Inácio diz que é Inácio Skywalker, e eu, Pablo Ben Kenobi. E que, quando estamos juntos, somos a *Força*. Dividimos as sessões em dois momentos: primeiro, conversamos de algumas coisas de nossa vida — o que fizemos durante a semana, do que brincamos, como foi no trabalho e na escola... —, depois, traçamos nosso plano galáctico. Vamos registrando-o em um caderno em que escrevemos, desenhamos e colocamos recortes de revistas.

Crítica à psicologia psicanalítica

Há uma tendência dos analistas contemporâneos a exercer certo tipo de *marketing* nos meios de comunicação e nas redes sociais, configurando a prática de certa “psicologia psicanalítica”.

Explico: trata-se do uso de termos provenientes do *corpus* psicanalítico freudolacanianiano em um contexto lógico baseado em juízos indutivos por analogia. Tais

juízos foram inicialmente descritos por Aristóteles em seu *Organon*, há mais de 2.500 anos, e se produzem conforme o seguinte exemplo: “se a mãe de uma jovem anoréxica é muito demandante e se as mães de 50 jovens anoréxicas são muito demandantes, então, as mães das jovens anoréxicas são muito demandantes...”. Assim, uma série limitada de casos acaba constituindo uma classe universal. Se a estupidez reina, esse tipo de raciocínio poderia, inclusive, chegar a ser utilizado para situar a causa da anorexia. Todavia, esse modo de raciocínio habita o fundamento da psicologia: de fato, a psicologia nasceu como uma disciplina experimental, por acumulação de fenômenos, a fim de constituir grupos classificatórios.

De modo geral, os textos aos quais me refiro brilham por sua simplicidade para explicar fenômenos cotidianos, frequentemente muito atuais, com os quais é fácil o leitor se identificar, pois o remetem a situações que enfrentou pessoalmente ou através de algum outro. Gera-se assim um efeito de compreensão imediata, de *divulgação científica* — se me permitem a expressão —, mas sem nenhum aporte ao fazer analítico, nem à teoria de que depende nossa formação.

Longe de acreditar que se trata de uma manobra maliciosa, penso que é uma demanda dos meios e do público, no âmbito de uma época: falem fácil, falem de coisas que acontecem a todos nós, expliquem-nos por que nos acontecem certas coisas, digam-nos o que temos que fazer... é a mesma demanda que recebemos quando vamos a um aniversário ou a uma festa, conhecemos alguém e contamos que somos psicanalistas. Imediatamente, surge alguma pergunta ou, até mesmo, a consulta franca sobre algum fenômeno pontual. Às vezes, há também o pedido para que interpretemos o sonho da noite passada. Tentamos contornar e explicar que a psicanálise não procede assim, que não é possível generalizar, que o sonho se interpreta em um contexto etc. etc. Mas, se por acaso tivermos bebido muito ou se queremos nos livrar da pessoa (ou até se quisermos que ela continue por ali), respondemos... mas como psicólogos. Fora da relação transferencial, do âmbito do dispositivo e da associação livre, qualquer generalização é psicologia. Bom... em uma festa, ainda vai...

Aqui, é preciso que nos detenhamos para pensar alguma alternativa séria a um fenômeno que é de época. Com o risco de me tornar muito clássico, proponho opor a “psicologia psicanalítica” àquilo que em psicanálise denominamos “a lógica do caso”, o que inevitavelmente introduz a questão ética.

Se a ética da psicanálise se define pela posição que um analista adota em relação ao gozo, nossa posição é a de que o gozo não admite modos de universalização e classificação psicologizantes. Isso não quer dizer que Lacan não tenha apresentado uma proposta de tripartição dos gozos — fálico, do sentido e Outro gozo (que é não-todo e não constitui classe) —, mas essa não se produz a partir de juízos indutivos por analogia, nem está a serviço de uma classificação universalizante porque não produz universais completos.

Assim, qualquer parâmetro proporcional oferecido pela cultura como norma para criar uma criança é resultado de uma operação indutiva, própria da ciência (médica ou psicológica) em qualquer uma de suas formas: idade do desmame, até quando dormir com os pais, início da alimentação, desfralde, parar de usar mamadeira, quando deixar o filho ir sozinho a um aniversário, quando falar sobre sexualidade, quando deixá-lo andar sozinho de ônibus, quando dar as chaves de casa e tantas outras... Qualquer generalização desse tipo é, em nosso campo, *psicologia*.

É preciso tomar cuidado porque esse tipo de conhecimento funciona como um mecanismo de controle social, de exclusão e segregação, em detrimento ao caso a caso, à subjetividade e ao gozo de cada um (satisfação paradoxal que nos captura quando tentamos resolver a desproporção). Isso é nítido na instituição escolar.

Lacan (1974/2003, p. 516) foi categórico a respeito e acusou os *psi* de colaboracionistas: “os *psi* que se dedicam a seu suposto aguentar, sejam eles quem forem, não têm que protestar, e sim colaborar. Sabendo ou não, é o que fazem”. Colaboram com o quê? Atrevo-me a dizer que se trata da normalização dos gozos. É claro que o discurso estabelecido ordena os gozos, com a finalidade de favorecer o *viver juntos* na chamada cultura. Eis aqui uma situação particular dos analistas (evitemos agora utilizar a partícula *psi* para denominá-los): declaram a desproporção, mas em diversas ocasiões intervêm com propostas de generalização e normatização que parecem ignorá-la.

Na clínica com crianças, isso é claro: facilmente se percebem indicações programáticas, limites dispostos por idades, etapas a serem cumpridas sem levar em conta as posições subjetivas. E aí que os analistas acabam fazendo psicologia psicanalítica e, além disso, colaboracionista. Termino essa parte com Lacan (1975): “É surpreendente que a psicanálise não tenha dado aqui o menor estímulo à psicologia. Freud fez todo o possível para isso, mas, obviamente, os psicólogos são surdos.”

A gente inventa o que pode...

Retomo o início de meu argumento. Se vivêssemos na natureza, se nós, humanos, cumpríssemos o programa genético, se não falássemos, nenhuma dessas elaborações teria sentido. Saberíamos instintivamente o que e como fazer para criar nossos filhos.

A desproporção introduzida pela linguagem cria as condições para que o sujeito humano falante nasça sujeitado aos avatares do desejo e do gozo do Outro, para que dele dependa. Por sua vez, esse Outro carece de um conhecimento acabado e completo que lhe permita garantir a proporcionalidade de sua operação e, como já afirmei, faz o que pode. E esse pode sempre é pouco ou muito... Assim, uma vez mais, nos encontramos com a ausência de proporção sexual.

A hipótese de Freud, relida por Lacan, é que o inconsciente produz sentido justamente para suprir essa proporção que não existe no falante. Além disso, o sujeito humano falante é capturado por um modo de *satisfação paradoxal* na sua tentativa de colocar ali algo que impeça o aparecimento da desproporção.

Essa satisfação paradoxal não se compartilha com o outro (com minúscula) nem com o Outro (com maiúscula). Por isso, Lacan afirma que a estrutura real do sujeito humano falante é a de ser um Um-discreto-de gozo. Ou seja, Uns, cada um de nós, *falasseres*: você e seu gozo, ele e seu gozo, e eu com o meu... “Dispersos díspares”, diz Lacan em 1977.

Mas, então... como podemos viver assim?

Graças à besteira do significante e ao laço que essa produz.⁵ Lacan chamou “discursos” as modalidades de laço que têm por função, entre outras, civilizar os modos de satisfação paradoxal, a fim de que possamos viver juntos: nos agrupamos para militar, formamos instituições, montamos bandas de rock, cátedras, grupos de amigos e, talvez o mais cômico de tudo, seja que formamos casais e famílias.

O amor é um modo radical da besteira que vela a desproporção. Mas é óbvio que, de tempos em tempos, em todos os laços que constituímos, a desproporção se faz presente e ataca o laço, deixando aparecer alguma manifestação daquilo que realmente somos — isso que, com Lacan, chamamos Uns-discretos-de gozo.

Enquanto tentamos sustentar esses laços, nessa espécie de luta, estão os advérbios para assinalar nos ditos as manifestações da desproporção: gosto *muito* de você, você colabora *pouco*, você deveria se comprometer *mais*, você é *extremamente* demandante, tudo aconteceu *muito* rápido ou demorou *muito*... enfim, sempre se trata de algo mais, menos ou diferente do esperado. Isso está sempre à espreita, ameaçando dissolver o laço para nos devolver à verdade da estrutura.

Essa desproporção não se verifica somente no laço com o outro/Outro. Foi o próprio Freud quem assinalou que a desproporção ameaça nosso si-mesmo (se por acaso existe), fazendo a psicanálise participar da revolução copernicana que tirou o homem do centro do universo.

Eu já o disse e já o escrevi muitas vezes, mas quando falamos — isso muito tempo antes da chegada de Freud; poderíamos dizer que desde que o sujeito humano fala — dizemos sempre mais, menos ou outra coisa daquilo que queríamos dizer. Talvez seja esse o primeiro nível para situar a desproporção: no lugar do agente, lugar ocupado pela linguagem.

5 Lacan (1972-1973/1985, pp. 21-23). O leitor interessado na referência deve considerar que, na versão espanhola do seminário, traduziu-se o termo *bêtise* como *necedad* (ignorância), mas uma melhor tradução seria *tontería* (besteira).

Explico: se a linguagem introduz a desproporção, é lógico que essa atue na relação que o falante estabelece com seu próprio dizer. Lacan (1974, p. 12) o enunciava do seguinte modo: “A linguagem não é, então, um simples tampão, ela é isso onde se inscreve essa não relação. É tudo o que podemos dizer.” Não há proporção entre nossa vontade de dizer e aquilo que dizemos — isso independente do talento da oratória ou discursivo do falante.

O analista bruto e besta

Pois bem, não há ninguém menos besta do que uma criança psicótica.

Por se tratar de um sujeito organizado pela holófrase, pode se dar certos *luxos* — ao contrário do sujeito dividido —, provocando, inclusive, sua surpresa e mal-estar. Manifesta-se com sua certeza, é constante, escapa aos limites do tempo e do espaço, é livre no que diz em relação ao código, apresenta-se como Um-discreto-de-gozo (não é besta) e mostra mais um organismo do que um corpo. Ainda que não consiga escapar da desproporção introduzida pela linguagem, essa não o atormenta, já que pode desconhecê-la sem maiores esforços. Nada faz, então, supor um sujeito em desvantagem em relação ao sujeito dividido. Inclusive, seu modo de transcorrer a linguagem lhe permite realizar, por exemplo, operações matemáticas muito complexas, baseado em sua capacidade de recusar o significado a favor do significante puro. Muitas vezes, nos perguntamos: por que não sou capaz de ser constante, não me aborrecer ou avançar em direção ao objeto de meu desejo (ou de meu capricho, já que dá na mesma) como *eles* o fazem?

Lacan (1969/2003, p. 375) afirma que esse modo pulverulento do discurso, esse discurso explosivo, “é o cavalo de Tróia por onde entra na cidade do discurso o senhor [*maitrê*] que é o psicótico”.

A partir dessa citação, gostaria de lhes apresentar outra de minhas hipóteses. Se a criança psicótica entra como amo na cidade do discurso, convém perguntar-nos: o que é um amo?

Se fingimos ignorar um pouco a referência do amo em Hegel, aparece uma referência lacaniana ao fundador do discurso do mestre: Licurgo, o legislador de Esparta, responsável por redigir a constituição da cidade. Sem dar muita importância ao que dizia essa constituição — sabemos que era muito severa e que impunha condições de vida muito extremas aos cidadãos espartanos —, após redigi-la, reuniu o povo, inclusive os reis, e obrigou que jurassem fidelidade à constituição até que retornasse da habitual consulta ao oráculo sobre o destino de seu texto. Toda a Esparta participou do juramento. Licurgo viajou ao oráculo e obteve uma resposta positiva: essa constituição seria uma bênção para seu povo e motivo de orgulho durante 500 anos. Feliz com a resposta, enviou um emissário para contar o resultado e, em seguida, se suicidou!

Ao agir dessa forma, Licurgo garantiu a validade do juramento. Caso retornasse a Esparta, corria o risco de enfrentar objeções ou, inclusive, de passar a duvidar de seu texto. Se continuasse vivo em outra cidade, poderia ser capturado e levado à força de volta a Esparta. Por isso, o suicídio foi a melhor solução. Daí, deduzo a definição de Lacan: um amo não é uma pessoa tirana, má ou autoritária. Simplesmente, ele não se divide. Seu enunciado coincide com sua enunciação, reduz-se a um S_1 . Por isso, questiona o laço. Eis aqui uma nuance diferente para pensar o sujeito psicótico, livre dos condicionamentos do discurso.

Pois bem, entrar no discurso como amo não deixa de ser um modo de entrar. Penso que quem melhor trabalhou isso foi Antonio Quinet em seu livro *Psicose e laço social*, no qual desenvolve a tese sobre certo desespero do sujeito psicótico para se apalavrar, para obter algum encadeamento no laço.

As crianças psicóticas fazem essas tentativas. Algumas vezes, fisicamente, forçando o corpo do outro, tentando fazer lugar para si em certa disposição espacial (é frequente escutar que tentam se colocar, por exemplo, no meio de um grupo que já está disposto de certa maneira no espaço). Outras vezes, mediante a palavra, dizendo coisas fora de lugar, às vezes cômicas, para, como se diz, “chamar atenção”. De um modo ou de outro, sempre ficam mais ou menos deslocados. Há ainda ocasiões em que a tentativa se dá mediante a imagem, instalando o que chamei “laço imaginário”, estando simplesmente aí, como se participassem, mesmo que sem participar (de uma festa de aniversário, por exemplo). Mas pelo menos saem na foto...

Lembro-me de Tadeu, filho de um casal de diplomatas. Seu pai é belga, e sua mãe, colombiana. Como se conheceram quando estudavam nos Estados Unidos, comunicam-se em inglês. Tadeu nasceu no Vietnã — onde se fala vietnamita — e foi cuidado por uma babá que falava essa língua. É a criança de Babel (me faz lembrar o corcunda Salvatore, de *O nome da Rosa*), pois não está ancorado em sua língua materna.

Em Buenos Aires, e já com 11 anos, esse menino se move com grande liberdade no laço social: abre portas, mexe em sacolas e bolsas, explora gavetas, toca o corpo das pessoas sem pudor ou vergonha, manifesta seus incômodos com violentas explosões, ocasiões em que bate nos colegas, atira objetos, grita e insulta. Não consegue mentir, é um menino absolutamente transparente — capaz de dizer a qualquer pessoa que está cheirando mal ou que está com mau hálito. Solta pum em qualquer situação. Na semana passada, pegou notas de euro do escritório de seu pai e as deu aos colegas do futebol, dizendo que as estava dando para que fossem seus amigos...

Não foi por acaso que Lacan falou no “secretário do alienado” para fazer referência à posição do analista em face desses sujeitos (falei disso em 2016, quando estive aqui na PUC pela primeira vez). A função do secretário é forçar o laço: en-

fiar o S_2 , de modo um pouco bruto. Os efeitos dessa função são contingentes, mas, se conseguidos, são — digamos — humanizantes.

Esse laço pode se tornar mais ou menos instável, ainda que possa também não funcionar. Por isso, o analista que não retrocede ante a criança psicótica é bruto e besta. Bruto porque enfia o S_2 e besta porque crê no laço, inclusive ali onde parece impossível...

Referências bibliográficas

- Jacob, F. (1999). *La lógica de lo viviente: una historia de la herencia*. Barcelona: Tusquets Editores. Colección Metatemas – Libros para Pensar la Ciencia. (Trabalho original publicado em 1970)
- Lacan, J. (1974). *Seminário RSI*. Aula de 17 de dezembro de 1974. Recuperado de <http://lacanempdf.blogspot.com/2017/03/o-seminario-22-rsi-jacques-lacan.html>
- Lacan, J. (1975). Conferência em Genebra sobre o sintoma. Recuperado de <http://www.campopsicanalitico.com.br/media/1065/conferencia-em-genebra-sobre-o-sintoma.pdf>
- Lacan, J. (1985). *O seminário, livro 3: as psicoses*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1955-1956)
- Lacan, J. (1985). *O seminário, livro 20, mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1972-1973)
- Lacan, J. (1998). De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose. In J. Lacan. *Escritos* (V. Ribeiro, Trad.) (Trabalho original publicado em 1957-1958)
- Lacan, J. (2003). O ato psicanalítico. In J. Lacan. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1969)
- Lacan, J. (2003). Televisão. In J. Lacan. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1974)
- Lacan, J. (2007). *O seminário, livro 23: o sinthome*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1975-1976)
- Peusner, P. (2016). *Fugir para adiante: o desejo do analista que não retrocede ante as crianças*. São Paulo: Agente Publicações.
- Quinet, A. (2009). *Psicose e laço social*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Soler, C. (2014). *Humanization? Cours 2013-2014*. Paris: Éditions du Champ Lacanien.
- Soler, C. (2015). *Lacan, lecteur de Joyce*. Paris: PUF.
- Soler, C. (2017). *Lacan, lector de Joyce*. Barcelona: Ediciones S&P.

Recebido: 01/07/2022

Aprovado: 15/07/2022